

A educação básica como caminho fértil para o exercício da compaixão

Basic education as a fertile path to exercising compassion

La educación básica como camino fértil para ejercer la compasión

Francisco Juceme Rodrigues do Nascimento¹
Cintia Chung Marques Corrêa²

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo analisar a educação básica como um espaço privilegiado para a formação da compaixão, compreendida como valor ético e prática formativa fundamental frente a modelos educacionais marcados pelo individualismo e pela fragmentação do conhecimento. A problematização central do estudo questiona de que modo a escola pode contribuir para a construção de sujeitos empáticos, capazes de reconhecer o outro e a si mesmos em uma perspectiva relacional e solidária. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza teórico-reflexiva, fundamentada na análise da obra *12 passos para uma vida de compaixão*, de Karen Armstrong, em diálogo com contribuições da História, da Biologia e da Filosofia. O referencial teórico mobiliza autores e figuras históricas como Sócrates, Jesus, Buda, Maomé, Martin Luther King, Nelson Mandela e o Dalai Lama, compreendidos como exemplos históricos de práticas compassivas e hospitalidade ética. Argumenta-se que o reconhecimento da dimensão biológica e histórica do egoísmo humano exige processos educativos intencionais voltados ao desenvolvimento da empatia, por meio da construção de novos hábitos de pensamento, sentimento e ação. Defende-se, por fim, que a educação básica, especialmente por meio da arte e do diálogo, possui potencial para promover exercícios formativos que favoreçam a sabedoria, a convivência e a superação do egocentrismo, propondo-se um percurso didático contínuo de aprendizagem e partilha entre educadores e educandos.

Palavras-chave: Ser humano; Educação; Compaixão; Virtudes; Aprendizagem.

Abstract

This essay aims to analyze basic education as a privileged space for the formation of compassion, understood as an ethical value and fundamental formative practice in the face of educational models marked by individualism and the fragmentation of knowledge. The central

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - IF Sudeste MG. Juiz de Fora/ MG, Brasil. Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Petrópolis/RJ, Brasil.

Email: francisco.42240073@ucp.br - Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3185-3439>

² Universidade Católica de Petrópolis, UCP-RJ. Petrópolis/RJ, Brasil. Email: cintia.chung@ucp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3091-8942>

question of the study is how the school can contribute to the construction of empathetic subjects, capable of recognizing the other and themselves in a relational and supportive perspective. Methodologically, this is a qualitative, theoretical-reflective research study, based on the analysis of Karen Armstrong's work "12 Steps to a Compassionate Life," in dialogue with contributions from History, Biology, and Philosophy. The theoretical framework draws on authors and historical figures such as Socrates, Jesus, Buddha, Muhammad, Martin Luther King, Nelson Mandela, and the Dalai Lama, understood as historical examples of compassionate practices and ethical hospitality. It is argued that recognizing the biological and historical dimension of human selfishness requires intentional educational processes aimed at developing empathy, through the construction of new habits of thought, feeling, and action. Finally, it is argued that basic education, especially through art and dialogue, has the potential to promote formative exercises that foster wisdom, coexistence, and the overcoming of egocentrism, proposing a continuous didactic path of learning and sharing between educators and students.

Keywords: Human being; Education; Compassion; Virtues; Learning.

Resumen

Este ensayo busca analizar la educación básica como espacio privilegiado para la formación de la compasión, entendida como valor ético y práctica formativa fundamental frente a modelos educativos marcados por el individualismo y la fragmentación del conocimiento. La pregunta central del estudio es cómo la escuela puede contribuir a la construcción de sujetos empáticos, capaces de reconocer al otro y a sí mismos desde una perspectiva relacional y solidaria. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, teórico-reflexiva, basada en el análisis de la obra de Karen Armstrong "12 Pasos para una Vida Compasiva", en diálogo con contribuciones de la Historia, la Biología y la Filosofía. El marco teórico se basa en autores y figuras históricas como Sócrates, Jesús, Buda, Mahoma, Martin Luther King, Nelson Mandela y el Dalai Lama, considerados ejemplos históricos de prácticas compasivas y hospitalidad ética. Se argumenta que reconocer la dimensión biológica e histórica del egoísmo humano requiere procesos educativos intencionales que fomenten la empatía mediante la construcción de nuevos hábitos de pensamiento, sentimiento y acción. Finalmente, se argumenta que la educación básica, especialmente a través del arte y el diálogo, tiene el potencial de promover ejercicios formativos que fomentan la sabiduría, la convivencia y la superación del egocentrismo, proponiendo un camino didáctico continuo de aprendizaje e intercambio entre educadores y estudiantes.

Palabras clave: Ser humano; Educación; Compasión; Virtudes; Aprendiendo.

Introdução

A educação básica como caminho fértil para o exercício da compaixão é uma reflexão filosófica de cunho educacional que visa argumentar em favor de uma pedagogia prática, reforçando a necessidade de ensinar essa virtude na escola. Assim como na Matriz Curricular

temos os tempos e espaços dedicados a aprender Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática, devemos ter um tempo voltado para o desenvolvimento atitudinal, buscando uma formação integral que considera o ser humano em sua complexidade relacional.

O contexto de informações que chega aos nossos sentidos reforça a eliminação do outro: guerras e conflitos exaltam a supremacia de um grupo sobre o vizinho, discursos de ódio com ideias e costumes diferentes numa realidade polarizada. Questões ambientais, crises econômicas, miséria e desabastecimento de água potável, em meio a uma escalada de doenças, indiferença e dor. Nesse cenário, precisamos urgentemente de inovação na preparação das futuras gerações, reorientando a mente humana para lidar com o sofrimento e salvar a humanidade do desastre da ruptura simbólica.

A escola ao receber as crianças deve ter a capacidade de ser um ícone de bondade, altruísmo e empatia num mundo que parece implacavelmente autodestrutivo. Daí, o sentido de educação como fazer sair. Na imagem da transfiguração, Pedro como um aprendiz em formação quer fazer uma tenda no alto, permanecer no espaço e tempo sagrados. O mestre de Nazaré, referencial para os educadores de nosso tempo, reforça que devemos descer e no chão das relações, compartilhar o que foi apreendido.

Nessa perspectiva, é fundamental que no espaço educacional sejam desenvolvidas experiências de compaixão, como programa que aflora a força benéfica do ser humano no mundo. Uma proposta pedagógica capaz de criar hábitos mentais que nos levam a ser mais bondosos, mais gentis e menos agressivos diante das recusas aos interesses individuais.

A teoria não é suficiente diante de realidades de violência e exclusão evidenciadas por discursos religiosos e apologia a um conservadorismo que pouco nutre as atitudes de conversão diante do outro que é demonizado. Reconhecemos a habilidade humana para a inovação, no entanto o real é percebido na competência do agir em meio aos acontecimentos. Aprender sobre as virtudes e superação dos vícios deve ser desenvolvido por meio de experiências que consolidam o caráter de um estudante em formação.

Defendemos que as virtudes cardeais, pontes entre os sentimentos e as relações humanas, devem tornar hábitos e ethos compartilhados na perspectiva da firmeza nas decisões e conflitos naturais de um processo de crescimento. O que seria o papel da escola, senão a ampliação do eu na socialização que transcende os sentidos e chega ao inteligível na compreensão da alteridade? Assumir a humanidade que pode desenvolver a cobiça, o ódio, a

inveja e o desejo, cultivando as emoções que levam à compaixão, alegria e gratidão, pulsando dialeticamente o confronto que leva ao exercício da liberdade e da razão como ampliação crítica que vamos chamar de consciência.

Na primeira parte do texto, defendemos a importância de habilidades sociais capazes de formar pessoas dispostas a vivenciarem a compaixão. Em sua continuidade, a complexidade do espaço escolar como oportunidade relacional e humanizadora. E finalmente, a ideia de passos a serem percorridos ao longo da Educação Básica como desenvolvimento humano. Somos utópicos na apresentação de uma didática que acredita no ser humano como um aprendiz na transformação do mundo.

A compaixão na educação

Se tem uma habilidade que precisamos desenvolver na escola no contexto do século XXI é a capacidade de aprender a conviver com os próprios erros e dos demais. Aprender com aqueles que encontramos nos corredores escolares com humildade e deixando fluir o impulso original da generosidade. A educação como lugar por excelência da formação de cidadãos conscientes e que sabem se expressar de maneira inteligível, não pode se limitar ao instrumental técnico e utilitário, mas ampliar a capacidade dos estudantes de pensar e argumentar sobre os fins de uma vida comum.

Segundo Dardot (2017, p. 11),

O capitalismo continua a desenvolver sua lógica implacável, mesmo demonstrando dia após dia uma temível incapacidade de dar a mínima solução às crises e aos desastres que ele próprio engendra. O capitalismo ao mesmo tempo que produz as condições de sua expansão, destrói as bases de vida no planeta e espalha a violência do homem pelo homem. Na lógica do neoliberalismo e com o auxílio de políticas institucionais, difunde a concorrência a toda a sociedade de forma generalizada, com fôdo na superação individual e no desempenho infinito.

Torna-se relevante formar uma liderança cidadã capaz de dialogar com os outros sobre os fins de uma vida em comum. Educar numa sociedade democrática é formar pessoas com a capacidade de governar a si e aos outros, votando, participando e evitando que a ignorância elimine a capacidade humana de pensar, levando a vida social para a demagogia. Numa realidade marcada pelo privilégio de alguns e pela exclusão de muitos, a desigualdade passa a ser justificada como destino e castigo de uma sina que não tem cura, nem solução. A falta de

conhecimento é um vírus que sobrevive na fragilidade crítica e na falta de esperança. Somos movidos pela força da persuasão que nos leva a apresentar aos outros nossas demandas sociais de uma maneira inteligível e refletida e que nos possam transformar os problemas em criatividade existencial. O nascedouro histórico da violência encontra na ausência da persuasão como ausência de aceitação em relação ao outro.

Segundo Karen Amstrong (2011) em “12 passos para uma vida de compaixão”, temos um processo dialético a ser entendido e superado em sua complexidade, uma comunidade global a ser construída como espaço de convivência e respeito mútuo entre os povos e cultura. O desejo de um mundo melhor, inerente ao pulsar existente de uma humanidade que busca a eternidade como espécie, encontra na aprendizagem, uma alternativa de sobrevivência num cenário adverso. Entre as experiências compartilhadas ao longo da história humana, a compaixão é uma virtude essencial para a permanência coletiva. O caminho a ser trilhado enquanto indivíduo, desde o nascimento até o retorno ao pó da terra, deve ser trilhado passo a passo, com sentido e razões compartilhadas.

Não nascemos acabados, mas como outros valores de convivência, a compaixão deve ser apreendida. Ao olhar para o mundo em sua complexidade e incerteza, somos vocacionados para o autoconhecimento, enquanto andarilhos da novidade que se faz sentimento na empatia e na consciência que se concretiza em ações. O reconhecimento de nossa fragilidade, conduz nossa linguagem e preocupação com os que encontramos pelo caminho, gerando saber, valor e sentimentos que conduzem o existente no mundo.

A compaixão é essencial para a humanidade. Segundo Armstrong (2011), temos uma necessidade biológica de receber cuidados e cuidar dos outros. No entanto, temos percebido em nossos dias, que não é fácil acolher nossos erros e conviver com as nossas diferenças, e projetamos o desamor nos irmãos que encontramos na vida. A sociedade capitalista e pautada numa razão neoliberal, empenhada em atingir metas, exclui e elimina com o desemprego, a depressão e a periferia. Os objetivos econômicos são colocados em xeque com o nosso potencial para avaliar nossa capacidade existencial.

A onda do momento é uma educação que capacita competências e habilidades de empreendedorismo, enquanto sofremos de distúrbios alimentares, afetivos e uma incapacidade de administrar os relacionamentos com uma dose de descontrole e desamparo emocional. Armstrong (2011), lembra que a regra de ouro requer o autoconhecimento. Nossos

sentimentos como guia de conduta em relação aos outros. Se somos cruéis com nossa pequenez, provavelmente, é assim que trataremos os outros.

Ensinar nossas crianças a lidarem com os sentimentos, acolhendo as possibilidades da inveja, raiva ou desprezo, acolhendo afetivamente nossas lacunas de conquista, torna-se uma tarefa educacional. Ressalta-se que mais proveitoso é recusar esses instintos com calma e firmeza, lembrando Buda: “Isso não é meu; isso não é o que eu de fato sou; isso não é meu eu”. Seja compassivo consigo mesmo e lembre que o medo é uma característica humana. Não se despreze por causa desses temores, pois essas limitações nos liga aos outros, facilitando a compreensão diante da realidade que muitas vezes diante de nosso pavor, preferimos menosprezar o sofrimento alheio.

Não escolhemos nossos pais, os genes que herdamos, o ethos que recebemos. Estamos imersos em condições econômicas na sociedade em que nascemos. A sociedade industrial deixou um legado de danos ao meio ambiente que não sabemos o que fazer enquanto indivíduos para atenuar as consequências para a nossa personalidade, sem desistir de sentir compaixão. Presenciamos um contexto de guerras e conflitos deixados por tradições do passado que levam as gerações do presente a atacarem o outro justamente por causa daquelas características que mais detestamos em nós mesmos. Projetamos no outro o que temos de pior, resultado de estereótipos que levaram a atrocidades e perseguições no passado, não reconhecendo que isso é mais um mecanismo que leva a pensar e fazer.

Ao aprender sobre a dor e compreender o sofrimento como uma lei da vida, reconhecemos a importância da compaixão como uma determinação de libertar os outros de suas tribulações a partir de nossa incompletude existencial. No Ocidente somos encorajados a pensar positivamente, a não desanimar, a aguentar firme, a olhar para o lado luminoso da vida. Mas às vezes também é crucial chorar. Quando contemplamos o sofrimento numa escala global, talvez fiquemos constrangidos com a trivialidade de nossos dramas. Mas eles são reais para nós.

O espaço educacional

O espaço educacional deve acompanhar os estudantes no desenvolvimento da escrita, da leitura, da comunicação e sobretudo, das atitudes vivenciadas na escola e que serão referenciais para a convivência no mundo. Não basta a leitura de textos sobre o

desenvolvimento do cérebro e das regras que devem ser observadas na convivência. Caberá à escola acompanhar, avaliar e compartilhar o crescimento atitudinal nos procedimentos com os demais.

Não podemos cair na inocência cega de uma leitura equivocada da vida e dos acontecimentos, partindo da premissa que somos bons por natureza e que nossa descendência divina fará de nós um anjo. Que certos ataques de fúria são resultados de dias ruins, que não acordamos bem ou que recebemos influência de forças contrárias ao bem. A meditação, o exercício da ioga e o aeróbico podem contribuir no ajuste cerebral diante de certos conflitos individuais que são projetados nos outros, causando dor e sofrimento alheio. Visitar nossos espaços interiores e conhecê-los pode ser uma alternativa viável na luta entre os desejos e vontades.

Em nosso entendimento, as proibições devem ser contrabalançadas com experiências positivas que levem os estudantes, desde sua infância, a perceberem o valor de uma convivência saudável, sendo o conflito a consequência de escolhas equivocadas e em certo sentido, próprio de uma natureza em desenvolvimento. Segundo Armstrong (2011, p. 28), “em lugar de simplesmente reprimir seus impulsos de violência, tentaria cultivar bons sentimentos, como afeto e benevolência; em lugar de abster-se de mentir, se esforçaria para que tudo o que dissesse fosse pensado, correto, claro e benéfico”.

A sala de aula, assim como os tempos e espaços educacionais devem ser círculos concêntricos de compaixão. As lições e relações vivenciadas devem conduzir os estudantes à empatia consigo, com o próximo e com o mundo.

No cenário em que estamos no mundo, com tantas informações sobre guerras e conflitos, muitas vezes em nome de etnias, religiões e territórios, partilhar as ideias de grandes luminares do passado, nas diversas tradições religiosas, testemunhando o valor da compaixão, é um caminho necessário na educação das futuras gerações. O processo de urbanização e industrialização apresenta um mundo drasticamente modificado, com situações de violência crescente e uma agressiva economia comercial. A escola como instituição que tem uma vocação para formar para ser mais, reconhece as tradições herdadas pelos membros da comunidade educativa, mas se abre para mudanças fundamentais que iluminam o caminho presente e o futuro vindouro.

A pedagogia do cuidado, do carinho e da compaixão se insere nos problemas reais da comunidade, possibilitando aos estudantes experiências de crescimento na perspectiva do

comum. Conforme Armstrong (2011, p. 45), “para construir um mundo mais compassivo também precisamos adotar outro modo de pensar, reconsiderar as principais categorias de nossa época e encontrar novas maneiras de enfrentar os desafios atuais”.

Para dar conta dessa tarefa, precisamos de experiências fundantes na perspectiva das virtudes humanas. É claro que a escola deve ensinar conteúdos, desenvolver tecnologias e ciências, mas também não pode se furtar do dever de formar para o exercício humano. Nas palavras de Armstrong (2011, p. 45), “nossa abordagem científica do mundo exterior tem sido altamente proveitosa para a humanidade, porém somos menos competentes na investigação da vida interior”.

Os passos para uma vida de compaixão durante a Educação Básica

A comunidade educativa é um terreno fértil para a sementeira de esperança com o desconhecido: o futuro. Cada criança que chega para ser educada é uma oportunidade de aprendermos com a novidade da vida em desenvolvimento. Os erros e acertos do passado são lições compartilhadas na reflexividade didática que permite ao educador o recomeço e a coragem de fazer diferente. As virtudes como ações pautadas na racionalidade são expressões de uma humanidade que antecipa as ações, evitando o caos e significando o gesto, num ritual em permanente representação da existência.

Na leitura do texto de Karen Armstrong (2011), encontramos uma possibilidade formativa para cada ano, na direção de uma formação integral e humanizadora. Partindo das experiências de compaixão que perpassam o mundo e toca seu coração, gerando empatia e consciência de seus atos, na humildade de nossa ignorância fraterna, onde palavra e preocupação são expressões de saber e reconhecimento, sendo o amor a razão maior de nossa caminhada.

A contribuição dos sábios, mestres e profetas que viveram antes de nós ainda ressoam em nossas lembranças de problemas diferentes e causas comuns, a oportunidade de aplicar o que aprendemos, incutindo em nossos aprendizes o ethos da compaixão. O respeito com os amigos, a admiração com os professores, a noção que somos todos cidadãos do mesmo planeta, cores e credos diferentes, sofrimentos comuns. Nesse cenário precisamos propor um currículo capaz de educar para o amor e para a paz.

Quando uma criança chega na escola para iniciar a educação básica, somos desafiados a lembrar dos sábios, profetas e místicos do passado através de histórias de encantamento, despertando em cada educando o sonho possível de uma vida de compaixão. Uma boa catequese histórica, desperta o compromisso civilizatório que reconhece as dificuldades da vida, sem perder o sabor da vida e a criatividade necessária para resolver os problemas.

Sendo assim, o primeiro ano do Ensino Fundamental deve ser um tempo de relembrar os pensadores que buscaram através do seu testemunho, despertar a mente humana, aliviar o sofrimento e cuidar para que o coletivo pudesse ser cuidado. A virtude a ser ensinada nessa etapa formativa requer uma abertura de coração para reconhecer expressões de bondade, altruísmo e empatia com o outro. A energia presente em cada criança que é potência inata, deve ser conduzida e acompanhada através de experiências de benevolência.

As narrativas devem ser permeadas por uma espiritualidade que conduz à amorosidade, como abertura do ego para reprimir os impulsos de violência e cultivar bons sentimentos, como afeto e prudência. Na dinâmica peripatética do fundador do Liceu, as crianças chegam nessa etapa da vida com uma potencialidade humana que deve ser tornar-se força benéfica para si e para o mundo. Os educadores que atuam com os estudantes nessa etapa formativa devem ser generosos nas reações, reforçando os hábitos mentais que levam os alunos a serem mais gentis e menos temerosos em relação ao olhar que corrige as atitudes.

Segundo Armstrong (2011), ao longo do primeiro ano da educação básica devemos partilhar com os estudantes, mitos que ensinam sobre o imperativo da compaixão — e como devemos proceder para incorporá-los em nossa vida. Em especial, histórias que mobilizam os mecanismos cerebrais na produção de emoções positivas como amor, compaixão, gratidão, disposição para perdoar, catalisando o desenvolvimento do ser humano.

No segundo ano do Ensino Fundamental, a comunidade educativa deve ajudar os estudantes a olharem para o seu próprio mundo, em busca de iluminação no caminho da vida, transformando os problemas da comunidade em rituais celebrativos. Segundo Armstrong (2011), ajudar os estudantes a construírem um ambiente mais compassivo, capaz de mudar o modo de pensar. Essa etapa escolar tem como premissa a proximidade entre as instituições família e escola, partilhando experiências de empatia e cuidado com as crianças. Essa troca é crucial para incutir nas crianças o éthos da compaixão.

Como os confucionistas nos ensinam, a família é uma escola de compaixão, porque é nela que aprendemos a conviver com os outros. A vida em família envolve sacrifício, porque diariamente temos de passar por cima de nossos interesses para atender às necessidades dos outros; quase todo dia temos de perdoar alguma coisa. Ao invés de nos irritar com isso, vamos tentar ver essas tensões como oportunidades para crescer e mudar (Armstrong, 2011, p. 47).

Nessa etapa da educação, o essencial não está nas grandes façanhas da ciência e da tecnologia, mas na partilha de afeto e cuidado constante em cada medo, queda ou fracasso no processo de aprendizagem. E nesse sentido, a família é o berço da caridade e do olhar que amplia o horizonte existencial.

No terceiro ano do Ensino Fundamental é o momento da compaixão consigo mesmo. Vamos aprendendo juntos que erramos e que uma das necessidades biológicas é receber cuidados e cuidar dos outros. Segundo Armstrong (2011), não é fácil amar a nós mesmos.

Em nossas sociedades ocidentais, capitalistas e empenhadas em atingir metas, tendemos a nos punir por nossas falhas e cair em depressão se não alcançamos nossos objetivos e não realizamos nosso potencial. É terrivelmente irônico que, enquanto muita gente no mundo sofre com desnutrição e morre de fome, no Ocidente um número assustador de mulheres — e, cada vez mais, de homens — seja vítima de distúrbios alimentares decorrentes de uma complexa mistura de desamor a si mesmo, sentimentos de fracasso, inadequação, desamparo e falta de controle (Armstrong, 2011, p. 51).

Nesse momento formativo é necessário um cuidado especial dos educadores com os sentimentos dos estudantes, pois eles são guia de nossa conduta em relação aos outros. Esperamos encontrar um ambiente saudável e equilibrado, onde forças e fraquezas sejam acolhidas com generosidade e correção fraterna. O quarto ano do Ensino Fundamental tem como referência a ágora grega como lugar de socialização e aprendizagem dialética.

A polis pode ser vista como um símbolo do novo cérebro racional que nos permite resistir aos impulsos instintivos do velho cérebro e assumir nossa responsabilidade por eles. Em seus efeitos no longo prazo, as iniquidades do passado continuam presentes, de modo que os atenienses devem reconhecê-las e guardá-las na mente e no coração; então poderão transformar essas paixões primitivas numa força da compaixão (Armstrong, 2011, p. 63).

Nessa etapa formativa, a aprendizagem artística tem um lugar especial, pois ela educa as emoções e nos ensina a senti-las de forma adequada. Lugar especial tem o teatro que possibilita aos estudantes assumirem diversos papéis na dinâmica da vida potencializando as

emoções benéficas na comunidade. Segundo Armstrong (2011, p. 64), “quando a razão sucumbe, ainda é possível aprender com o sofrimento”. Para ela, a imaginação é crucial para a vida de compaixão. Ao desenvolver a capacidade criativa dos estudantes, ampliamos o mundo e a capacidade de perceber os acontecimentos, reconhecendo nossas fragilidades e aspirações para fazer diferença no mundo, entendendo que não estamos sozinhos: você vai ser grato com quem puder te ajudar a viver com alegria.

No quinto ano do Ensino Fundamental devemos ajudar nossos estudantes a desenvolver a consciência como iluminação que facilita no discernimento, em especial, observando o funcionamento da mente. Nesse aspecto é extremamente importante a meditação semanal na dinâmica escolar como aprendizagem de autocontrole e possibilidade de reverter tendências arraigadas e cultivar novos mapas mentais.

Assim como um músico tem de aprender a dominar seu instrumento e um cavaleiro precisa conhecer muito bem seu cavalo, temos de aprender a usar nossas energias mentais de maneira mais generosa e produtiva. Na consciência plena, distanciamos-nos mentalmente e nos observamos em nossa rotina diária para descobrir mais sobre o tipo de interação que temos com os outros, as coisas que nos irritam ou nos entristecem, a maneira de analisar nossas experiências e de prestar atenção no momento presente (Armstrong, 2011, p. 70).

No momento que os adolescentes aprendem a administrar seus instintos e perceber que a verdadeira causa de nosso sofrimento é a raiva que está dentro de nós, numa avaliação serena e reflexiva, motivamos a autogestão das emoções.

Para o sexto ano do Ensino Fundamental o foco do trabalho pedagógico deve ser pautado no desenvolvimento de pequenos atos de bondade. Experiências significativas que ficarão na memória afetiva dos estudantes como breves espaços de tempo de pensar, sentir e amar. Espalhe pelo espaço educativo, imagens e cenas de pessoas que se esforçam para ajudar o próximo. Nas palavras de Armstrong (2011, p. 75), “não estamos condenados ao egoísmo, porque temos a capacidade de, com disciplina e atos repetitivos, construir novos hábitos de pensamento, sentimento e conduta”.

Nessa etapa formativa, o objetivo é acompanhar as ações com pegadas de sabedoria. O voluntariado é uma ação que permite visitar um abrigo de idosos, realizar imersões em comunidades rurais e urbanas, ou até mesmo escutar um amigo que precisa de atenção. O sexto ano é uma oportunidade de criar espaços e tempos para fazer diferença na vida de alguém, ampliando o horizonte existencial para além dos seus limites e desejos pessoais. O

olhar atento dos educadores que busca valorizar em cada estudante o esforço de pensar e agradecer o milagre da vida e a companhia dos colegas nessa trajetória.

No sétimo ano do Ensino Fundamental, somos desafiados a pensar que nosso verdadeiro conhecimento caberia num cartão-postal.

A busca de conhecimento é fascinante, e a ciência, a medicina e a tecnologia têm melhorado em muito a vida de milhões de pessoas. Mas o desconhecimento continua sendo parte essencial da condição humana. A religião cumpre plenamente seu papel, quando nos ajuda a responder perguntas e nos mantém num estado de encantamento — e sem dúvida presta um desserviço, quando tenta impor respostas num tom autoritário e dogmático (Armstrong, 2011, p. 78).

Assim como não podemos entender a transcendência em sua totalidade, logo se faz necessário que a escola ajude os estudantes a perceber a fragilidade do alcance dos sentidos, repensando os dogmatismos que descartam as contribuições dos outros. Nessa etapa, a educação religiosa tem um papel especial de apresentar aos estudantes a diferença entre espiritualidade e a idolatria que limita a visão de Deus às imagens construídas por mim. Nossos preconceitos, necessidades e desejos turvam nossa visão dos outros, impedindo a experiência do mistério enquanto credere, doação do coração e encontrando na fraternidade a doçura acolhedora de Deus.

No oitavo ano do Ensino Fundamental, a palavra tem um espaço privilegiado como alternativa para a compreensão entre as pessoas. Em tempos de discursos agressivos e debates que buscam defender um único ponto, Armstrong (2011, p. 87) recorda dos debates sofistas que tinham como finalidade,

debater competitivamente, argumentar com lógica e eficiência e a defender seu ponto de vista para vencer. Usar artifícios de retórica para destruir a argumentação dos opositores e não hesitavam em desacreditá-los e desacreditar sua causa para invalidar sua estratégia. O objetivo era derrotar o adversário: não se esperava que ninguém mudasse de ideia, passasse para o outro lado ou acatasse o ponto de vista do rival.

O que propomos como exercício didático para essa etapa é o diálogo socrático como modo gentil e condizente com a discussão. Desenvolver com os estudantes atividades que ensinem a arte do diálogo que possibilita a fala e a resposta de modo gentil entre os participantes da discussão. A conversa que viabiliza a mudança no entendimento e o reconhecimento de nossa ignorância diante de certas situações, onde a opinião não consegue

abarcam a totalidade do problema. Segundo Platão (348 a. C), como meditação comunitária, o diálogo requer tempo e esforço, que deve ser conduzido com gentileza e compaixão. Nas considerações de Armstrong (2011, p. 87),

ninguém deve ser colocado numa posição desconfortável. Cada participante deve abrir espaço para o outro, ouvindo com atenção e simpatia as ideias dos demais e deixando que abalem suas próprias convicções. Não se adquire entendimento aceitando as opiniões alheias, mas descobrindo a verdade dentro de si mesmo. O debate agressivo pode ser proveitoso na política, mas é improvável que transforme corações e mentes.

Os educadores devem ensinar aos estudantes nessa etapa, que o mais importante não é ganhar o debate, mas buscar a verdade. Desenvolver experiências de debates que reforçam a necessidade de estarmos dispostos a mudar de opinião, diante de provas convincentes; permitindo alternativas de reflexão sobre o mesmo problema. Nesse cenário, propomos o princípio da caridade e a ciência da compaixão como balizadores em situações de confusão ou ausências de referenciais, reconstruindo o contexto em que as palavras foram ditas. A premissa de Gandhi (2011, p 93) deve estar em evidência: “antes de entrar numa discussão ou num debate, pergunte a si mesmo, honestamente, se está disposto a mudar de ideia”.

O nono ano é o fechamento do Ensino Fundamental. Nessa etapa, devemos possibilitar aos estudantes o conhecimento dos nossos vizinhos na aldeia global e cultivar uma preocupação e uma responsabilidade com todos eles. O princípio da reconciliação que considera os interesses coletivos deve ser desenvolvido em nossas atividades pedagógicas.

O discurso desumanizador, que busca dominar o outro, geralmente usa a linguagem da aversão e do desprezo: esse tipo de pensamento levou à escravidão e à opressão de negros e índios americanos, ao genocídio dos armênios, ao Holocausto, ao apartheid na África do Sul, às guerras tribais em Ruanda e à matança na Bósnia. Ao defender alguma coisa com uma postura tribal, observe como seu mecanismo de ameaça é acionado para fazê-lo perder a imparcialidade e a capacidade de avaliar o outro lado racionalmente. Observe como você fica “cheio de si”, tomado de justa agressividade, aversão e vontade de ferir o semelhante (Armstrong, 2011, p. 97).

Conscientes de que o sofrimento afeta nosso modo de agir, precisamos aprender que as sementes de nossa raiva muitas vezes estão em nossa cabeça e que é inútil e errado pensar que os outros sempre são responsáveis por nossos males. As atividades escolares nessa etapa devem trabalhar as reações dos estudantes diante da negação, como a grosseria, o desprezo e a

violência. A dificuldade em respeitar o outro pode estar ancorado na reação instintiva. Cultivar a confiança que possibilita a convivência com os outros é extremamente difícil para aqueles que não tiveram a oportunidade de reconhecer o bem que recebeu, daí a importância de trabalhar a gratidão com a vida que recebeu, com as dádivas e bençãos adquiridas ao longo do caminho. Pensar com inteligência e criatividade o horizonte que buscamos, enaltecendo a partilha de dons e os benefícios compartilhados pela humanidade.

Na última etapa da educação básica, comumente chamado de Ensino Médio, é o tempo especial de consolidar o conhecimento de si, do outro e do mundo. Segundo Armstrong (2011, p. 102), “todos nós somos muito ocupados e não temos nem tempo, nem vontade para assumir a difícil e delicada tarefa de decifrar os costumes culturais, religiosos e políticos de outros povos”. O risco de uma visão parcial ou até mesmo tribal pode nos conduzir ao isolamento, dificultando nosso entendimento em relação aos outros.

O primeiro ano do Ensino Médio é o período importante para a criticidade que possibilita o questionamento das ideias prontas, com autoconhecimento e profundidade epistemológica. O esforço de cada estudante em corrigir as lacunas do conhecimento deve ser valorizado, ampliando a cosmovisão diante dos acontecimentos e valores compartilhados. O estudante nessa etapa formativa já deve ter superado a reação instintiva e típico da vivência na caverna que se prende a uma ideia ou a um líder, prejudicando o entendimento que deve conduzir com serenidade na reflexão sobre os problemas do mundo sem nos ater indevidamente a nossos interesses pessoais. Um saber holístico que supera retratos esparsos, frases soltas e recortes de uma realidade, buscando desenvolver pensamentos afetuosos que se espalhem pelo mundo inteiro, enquanto estamos despertos, devemos cultivar esse amor em nosso coração.

No segundo ano do Ensino Médio encontramos uma juventude bombardeada por imagens de sofrimento, onde facilmente constatamos um cansaço na prática das virtudes, em destaque a compaixão. É fácil ouvir pelos corredores e nas discussões em sala de aula, que não podemos mudar o mundo e que é assim mesmo ou expressões de indiferença diante da dor do outro. Até mesmo entre os educadores, constata-se a normose diante da banalidade do mal que ocorre a todos nós. O risco de deixarmos ser invadidos pela angústia paralisante que ocupa nossas mentes e corações.

Não podemos isolar os estudantes do mundo, estamos expostos à dor global como oportunidade formativa.

Transforme o sofredor num amigo, para que ele se torne uma presença em sua vida; com pensamentos de benevolência e compaixão. Se guardamos para nós mesmos a lembrança de nosso infortúnio, podemos acabar nos fechando para a desgraça alheia. Podemos até pensar que nossas experiências dolorosas nos conferem privilégios especiais (Armstrong, 2011 p. 109).

Precisamos ensinar os estudantes a fazer das tribulações uma possibilidade de fazer diferença na vida dos outros. A escola é um espaço privilegiado para experiências de aprendizagem emocional, no sentido de olhar o mundo de outro ponto de vista e insista neste passo até escolher sua missão. Quando somos hospitaleiros com o desconhecido, e permitimos que os pensamentos sejam inundados pela novidade, ao chegar ao destino, seremos reconhecidos na fração da vida e do pão. A inimizade afeta profundamente nossa consciência e nossa identidade. As pessoas que odiamos não nos saem da cabeça, pois, numa forma negativa de meditação, estamos sempre pensando em seus defeitos. Se queremos chegar à reconciliação, temos de lutar não só com o inimigo, mas com nós mesmos.

No terceiro ano do Ensino Médio é o momento da síntese na formação através da preocupação com os outros, educando para a administração dos conflitos e ensinando a ser humildes. O verdadeiro conhecimento não consiste na aquisição de informação, mas decorre da superação do egoísmo e da ganância. Pautar nossas escolhas e decisões na bondade e no amor, gerando compromisso com a compaixão que desperta a memória e cultiva a inspiração criativa.

Conclusão

As reflexões desenvolvidas neste ensaio permitem afirmar que a educação básica constitui um espaço estratégico para a formação integral do sujeito, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da compaixão como valor ético e prática social. Defende-se que o Projeto Político-Pedagógico e o currículo escolar, compreendidos como expressões das ações pedagógicas intencionais da escola, devem incorporar experiências formativas que favoreçam a humanização, o reconhecimento do outro e a construção de relações solidárias, tanto no interior da instituição quanto em contextos que extrapolam seus muros.

Ao longo do texto, argumentou-se que o compromisso com a formação de virtudes não pode ser atribuído a ações isoladas, mas deve envolver toda a comunidade educativa,

abrangendo os diferentes níveis da educação básica. Nesse sentido, a obra *12 passos para uma vida de compaixão*, de Karen Armstrong, constituíram-se como importante referencial teórico para a análise e para a proposição de caminhos pedagógicos voltados ao enfrentamento do individualismo, do egocentrismo e da fragmentação das relações humanas.

Compreende-se que a aprendizagem da compaixão exige processos educativos contínuos, capazes de articular dimensões cognitivas, emocionais e éticas, favorecendo a empatia, o cuidado e a corresponsabilidade. Assim, a escola, em sua própria identidade formativa, apresenta-se como um ambiente fértil para o exercício do diálogo, da partilha de emoções e da construção de sentidos que fortalecem a convivência democrática.

Conclui-se, portanto, que investir na educação básica como caminho para o exercício da compaixão implica reconhecer o papel transformador da prática pedagógica e reafirmar a necessidade de perseverança no compromisso com uma educação orientada para a dignidade humana, a solidariedade e a esperança, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de atuar eticamente na sociedade.

Referencias

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo, 2001.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARMSTRONG, Karen. **A grande transformação: o mundo na época de Buda, Confúcio e Jeremias**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo, 2008.

ARMSTRONG, Karen. **12 passos para uma vida de compaixão**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Ágape, 2011.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Cristiano. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

Recebido: fevereiro/2025

Aprovado: dezembro/2025

Publicado: janeiro/2026